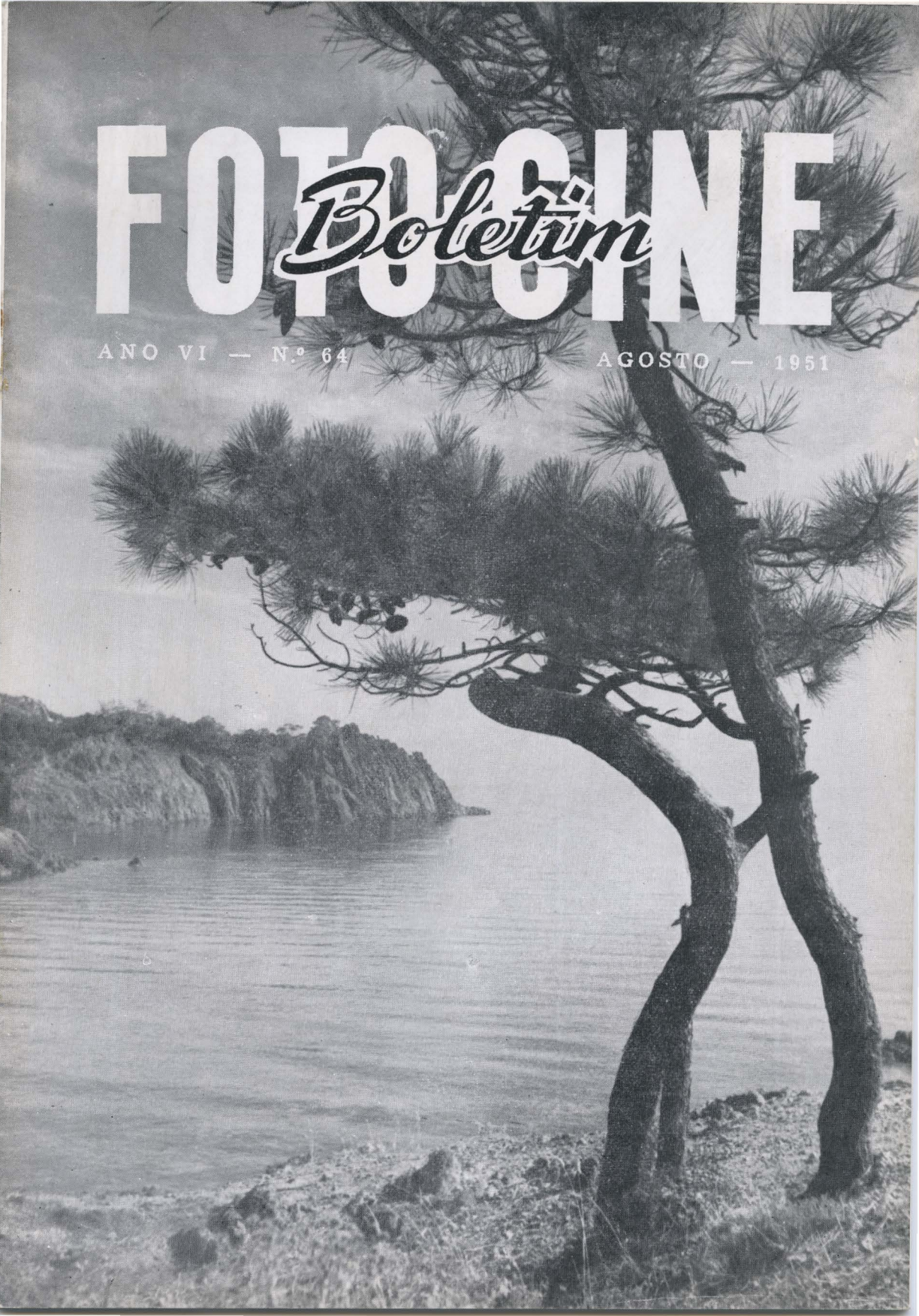


FOTO CINE

Boletim

ANO VI — N.º 64

AGOSTO — 1951



tudo que precisar em

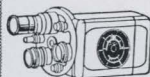
Cine-Foto

- ☆ Máquinas fotograficas
- ☆ Acessórios para fotografia
- ☆ Acessórios para laboratório
- ☆ Livros e revistas sôbre Cine-Foto
- ☆ Filmes, chapas e papéis
- ☆ Projetores mudos e sonóros
- ☆ Filmadores 8 e 16 mm.
- ☆ Acessórios para cinema
- ☆ Filmoteca de aluguel
- ☆ Filmagens a domicilio
- ☆ Projeções a domicilio
- ☆ Moderno laboratório

Vendas pelo Credi-Mesbla

MESBLA
24 DE MAIO, 141

Uma loja completa no centro da cidade





confirma o Prestigio

da **OPTICA
FRANCESA**
atravez do Mundo

Distribuidores para o Brasil **Isnard-Cine-Foto S/A**

MATRIZ:

Rua 24 de Maio, 70/90

Tel.: 34-8191 - (Ramais)

São Paulo

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA O ATACADO

FILIAIS:

Alameda Barros, 161

Tel.: 51-4968 — S. Paulo

R. Evaristo da Veiga, 20

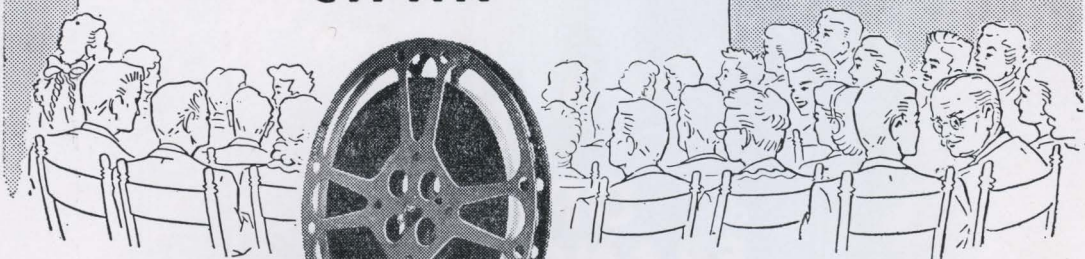
Rio de Janeiro

A famosa linha de Aparelhos

AMPRO

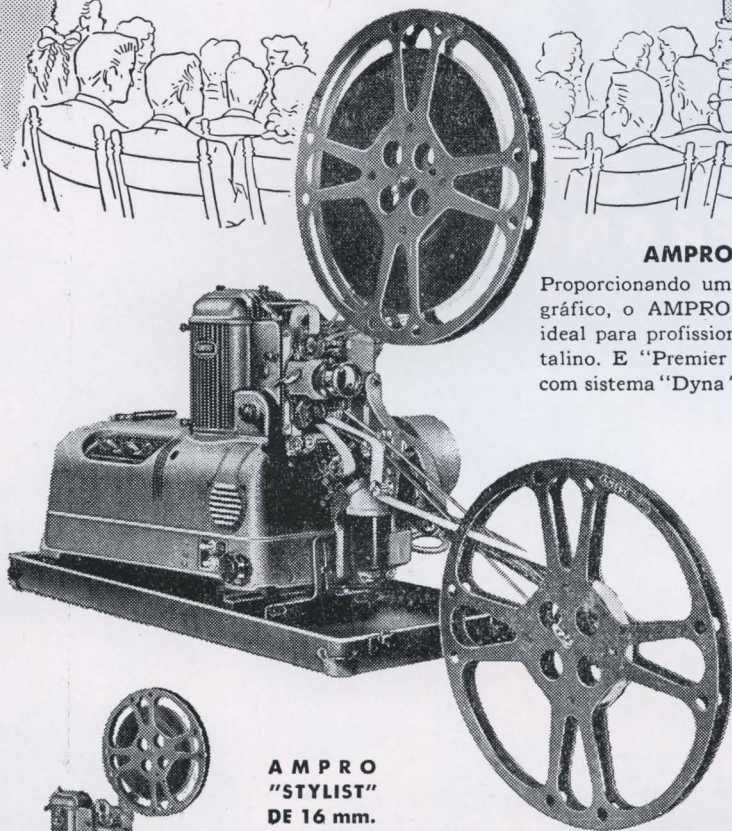
agora distribuida em todo o Brasil pela

CIPAN



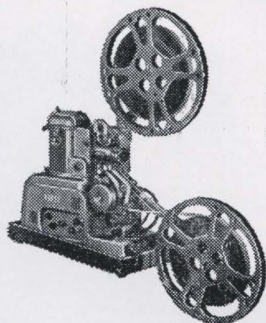
AMPRO "PREMIER 30"

Proporcionando um perfeito espetáculo cinematográfico, o AMPRO "Premier 30", de 16 mm., é ideal para profissionais. O som é puro, claro, cristalino. E "Premier 30" é o único projetor sonoro com sistema "Dyna Tone", de amplificação de som.



AMPRO "STYLIST" DE 16 mm.

AMPRO "Stylist" é um aparelho planejado para atender a todas as necessidades do cinema no lar. A manipulação é simples, o mecanismo é silencioso, o som é puro e fiel. Acondicionado em bela mala-estôjo, que contém todos os apetrechos e pesa apenas 15 quilos.



Tambem

Procure ver o AMPRO Sonoro de 16 mm. ARC-20

Distribuidores exclusivos:

CIA. CIPAN

Rua D. José de Barros 238/258 - SÃO PAULO
Av. Presidente Wilson, 113-A - RIO DE JANEIRO



AMPRO "TAPE RECORDER"

Sempre que V. é obrigado a falar em público AMPRO "Tape Recorder" permite-lhe estudar a voz, dar-lhe o desejado vigor. Nos discursos, conferências, aulas ou ditados, AMPRO "Tape Recorder" presta-lhe serviços inestimáveis. Fácil de operar.



★

Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação

Dr. Jacob Polacow

Diretor Comercial:

N. Kojranski

Colaboradores:

Aldo A. de Souza Lima
Antonio S. Victor

Correspondentes no
Estrangeiro:

Alejandro C. Del Conte,
Buenos Aires, Argentina

Marius Guillard
Lion, França

Domenico C. Di Vietri
Roma, Itália

Ray Miess
Wisconsin, Estados Unidos

Geraldo de Barros
Paris, França

Georges Avramescu
Arad, Rumania

Redação e Administração:

R. São Bento, 357 - 1.º and.
São Paulo — Brasil

NOSSA CAPA

**“DOIS VELHOS
COMPANHEIROS”**

M. Van de Wyer

SUMÁRIO

	Pg.
A NOTA DO MÊS	5
COMO EU FAÇO MINHAS FOTOGRAFIAS PARA EXPOSIÇÃO	6
FRANK R. FRAPRIE	
OS TRÊS ELEMENTOS	10
GUILHERME MALFATTI	
O X.º SALÃO INTERNACIONAL	14
“LA HUIDA”	18
AGOSTINHO M. PEREIRA	
A EXPOSIÇÃO VAN DE WYER	24
ALDO A. SOUZA LIMA	
COMO FABRICAR CUVETAS PARA REVE- LAÇÃO	26
J. S. ECKERSLEY	

—◆—
ATIVIDADES FOTOGRAFICAS NO PAIS — O BANDEI-
RANTE NO EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CON-
CURSOS — SALÕES — VÁRIAS.

—◆—
Exemplar avulso em todo o Brasil Cr.\$ 5,00
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro Cr.\$ 60,00
Para o exterior Cr.\$ 100,00

ÓRGÃO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

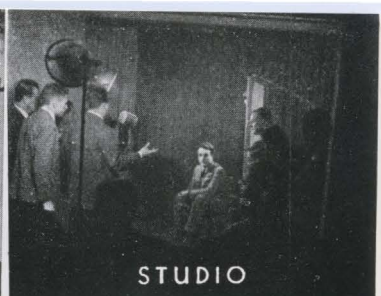
Toda correspondência deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — Rua Avanhanda, 316, Fone 32-0937, S. Paulo, Brasil.



SALA DE ESTAR



SALA DE EXPOSIÇÕES



STUDIO

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e biblioteca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr.\$
Joia de admissão	50,00
Mensalidade	20,00
Taxa extra mensal pró-sede própria	10,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano ...)	320,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gozam do desconto de 50%.

★

SÊDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937

—

S. PAULO, BRASIL



CONCURSOS INTERNOS



EXCURSÕES



SALÃO INTERNACIONAL

A Nota do Mês

A câmara escura, quando desprovida de uma boa renovação de ar, pode tornar-se ambiente propício ao desenvolvimento de miasmas e vírus alarmantemente perigosos para os fotógrafos, ou melhor, para determinados fotógrafos.

A imprensa especializada já se ocupou, certa ocasião, de uma moléstia dessa natureza, ainda não de todo debelada: a "salonite" ou mania de Salões. Felizmente a terapêutica, no caso, é bastante simples e consiste apenas no arejamento, não da câmara escura, mas das idéias de certos expositores.

Presentemente, estamos assistindo a um novo surto epidêmico, estreitamente relacionado à "salonite" e que deve sofrer um amplo debate e esclarecimento, antes que as suas conseqüências se tornem ameaçadoras. Trata-se da mania de estatística e mensuração matemática do talento.

Para certos aficionados, fotógrafo que não tenha pendurado tantos trabalhos nas paredes de Salões Internacionais, num espaço de doze meses e com um coeficiente de aceitação nunca inferior a tantos por cento, não é artista. Nessa ordem de idéias, maiores as cifras, maior o talento e, não duvidamos mesmo, já tenham enquadrado o fenômeno em fórmulas matemáticas rígidas, que lhes permita a obtenção das curvas de valores por ordenadas e abscissas.

Antes de mais nada, caberia aqui uma pergunta: Quantas composições produziu Liszt entre 1845 e 1850? E Chopin, quantas produziu em igual lapso de tempo? Estultice, dirão, no que aliás estamos de pleno acôrdo. As ilações com o assunto em foco, são palpáveis...

Figuremos o caso de um artista-fotógrafo que tenha conseguido três boas provas para Salão e de cada uma, tenha feito algumas dezenas de cópias. Estará habilitado a concorrer a algumas dezenas de Salões e os seus dados estatísticos no fim de um ano ou dois lhe permitirão bonita classificação entre os artistas internacionais. Suponhamos, em contraposição, outro que tendo três fotografias de mérito semelhante às do primeiro, não se dê ao trabalho de confeccionar o mesmo número de cópias e não deseje ou não possa concorrer a igual número de Salões. Pelo método da estatística chegaríamos a um resultado bastante curioso...

A coisa ainda não fica por aí. Desejam os "estatísticos" estender a validade do seu formulário às Entidades Fotográficas... Nesse caso, o assunto assume mais complexidade, mas em primeira mão, não seria descabido considerar no plural, a observação que acima expendemos. Poderíamos acrescentar que a maior ou menor frequência de determinado Clube fotográfico às mostras internacionais constitui índice que diz mais da sua estrutura administrativa do que do mérito das fotografias enviadas ou do grau de adiantamento artístico dos seus membros.

Escudados no espírito compreensivo dos nossos aficionados, que naturalmente não verão nisso qualquer alusão direta ou indireta com o objetivo de magoá-los, não resistimos a tentação de mencionar esta pilheria — "Há duas maneiras de não dizer a verdade: a primeira é mentir; a segunda é fazer estatísticas...".

De nossa parte, damo-nos por desincumbidos ao suscitar-mos a matéria, mas estamos certos de que os "condottieri" do movimento foto-artístico nacional virão a expender a boa hermenêutica até que as coisas voltem às suas justas medidas.

Como eu faço

Minhas Fotografias para Exposição

FRANK R. FRAPRIE

Pedem-me que diga alguma coisa sobre a minha experiência e os meus métodos em fotografia e isto me faz lembrar dias que já estavam quasi esquecidos. Minha carreira fotográfica começou numa época em que tinha-se que se conformar com materiais e métodos muito simples, mesmo porque não haviam outros. Depois de sessenta anos decorridos desde aquela época, minha curiosidade e as circunstâncias me levaram a experimentar, com maior ou menor êxito, uma grande soma de processos fotográficos que, frequentemente, implicavam em grandes complicações e em excursões fora dos caminhos habituais. A experiência me demonstrou, entretanto, que um material complicado e aperfeiçoado geralmente resulta mais sedutor para a imaginação do que fértil em realizações. Assim, uma simplificação sempre maior mudou de tal forma o curso de meus pensamentos fotográficos que, em mais de um ponto, voltei a uma simplicidade comparável á do meu início.

Minha primeira câmara era uma coisa muito simples que se podia carregar com uma única chapa no quarto escuro. Nossos aparelhos atuais também são simples de carregar; temos, porém, o aperfeiçoamento do carretel, do "film pack" ou de uma série de chassis leves e compactos para chapas ou películas e pode-se carregar a câmara em qualquer lugar. Existem muitas outras facilidades; porém, em princípio, a operação é sempre simples.

Que aparelho prefiro? Praticamente utilizei todos os tipos de câmaras que foram inventados e possuo, ainda, uma numerosa bateria de instrumentos de todos os tamanhos e de todos os tipos. Aparte o trabalho experimental, para o qual o objeto a fotografar não era mais do que um motivo de ensaio, a fotografia foi sempre o meu passatempo e a minha fonte de prazer durante

"Morreu Frank R. Fraprie, diretor da conhecida revista "American Photography". Eis a lacônica notícia que, através do noticiário da imprensa, nos chegou dos Estados Unidos, em fins de julho último.

Desapareceu, assim, ao 76 anos de idade, um dos mais entusiastas e renomados lutadores da Arte Fotográfica. "Hon. F. R. P. S." e "Hon. F. P. S. A.", são títulos que lhe foram concedidos não apenas pela capacidade e probidade profissional com que durante meio século dirigiu uma das mais reputadas e difundidas revistas fotográficas do mundo — a "American Photography", — como também e principalmente por ser um dos mais fecundos expoentes da fotografia artística. Seus trabalhos figuraram sempre nos mais categorizados salões internacionais, entre os quais o de S. Paulo, do qual participou ininterruptamente até 1949, quando, forçado pela moléstia que acabaria por levá-lo ao túmulo, teve de suspender suas atividades.

Frank R. Fraprie era um grande amigo do Foto-cine Clube Bandeirante, cujas atividades acompanhava com carinho, e aqui deixamos, em sua memória, as nossas homenagens, transcrevendo um dos últimos artigos que escreveu para várias revistas especializadas.

o maior período da minha vida. Combinada com viagens por quasi todas as partes do mundo, ela me deu uma coleção de negativos e de cópias que refletem recordações de momentos felizes e que constituem a matéria prima das cópias de exposição que enviei, em grande número, para aqui ou acolá, durante muitos anos. A necessidade de viagens rápidas e distantes, com bagagem leviana, me levou a usar aparelhos de pequeno tamanho e assim é que a maioria dos meus negativos foram tomados com câmaras de filmes em rôlo, de formatos diferentes, desde 8x14 cts. até 35 mm.. Possuo milhares de negativos Leica e Contax e um certo número de meus trabalhos de exposição que alcançaram êxito são ampliações 30x40 cts. destes negativos. Prefiro, porém, negativos maiores,



**"TEMPESTADE SÔBRE
AMALFI"**

(Um dos trabalhos com que
Frank R. Fraprie partici-
pou do Salão de São Paulo,
em 1949).

(8x11 cts.) porque com êles se torna mais fácil analisar o próprio negativo ou uma cópia dirêta, enquanto que o exâme minucioso das qualidades pictóricas de uma fotografia de pequeno formato não poderá ser feito vantajosamente senão com uma ampliação experimental.

No que diz respeito aos problemas técnicos, jamais tive dificuldades maiores com o emprêgo de filmes 35 mm.. Minha impressão é que com uma exposição correta e uma revelação não muito prolongada, não importa com qual revelador, deve-se obter um negativo Leica perfeito e jamais cheguei a obter granulação com êsses filmes, apesar dos muitos artigos que li, nos quais se narravam as dificuldades para a eliminação do grão. Uma revelação longa e forçada, uma temperatura muito elevada ou modificada durante o transcurso do trabalho e o emprego de agentes endurecedores no banho de fixagem são, sem dúvida, responsáveis por alguns dêsses inconvenientes. Po-

rém a principal causa dos fracassos de amadores está na sub-exposição, defeito que não poderá ser corrigido por nenhuma das operações posteriores. Os detalhes nas sombras não poderão ser registrados senão por uma exposição suficiente. Conseguido isto, os detalhes nas luzes poderão ser convenientemente traduzidos por uma revelação apropriada e, ocasionalmente, por modificações adequadas introduzidas quer no negativo ou no positivo.

Meus negativos são, em sua maioria, de tomadas exteriores. Toda a minha vida observei e estudei a natureza e suas manifestações. Quando viajo, especialmente de automóvel, levo vários aparelhos; não há dia e, dentro do dia não há momento, em que não se possa encontrar um aspecto pictórico de uma paisagem ou de uma marinha. Por uma observação contínua chega-se a prever os caprichos da luz e a conhecer, instintivamente, que circunstâncias fotográficas são satisfatórias. Se, numa excursão de um dia, constato que a luz

é muito dura, sinal de atmosfera sêca, que não há possibilidade de névoa e, em consequência, nenhuma probabilidade de uma conveniente perspectiva aérea, compreendo que êsse dia não é propício para a fotografia na qual deva entrar em jôgo a suavidade e a beleza; todavia, poderá resultar ideal para obter contrastes vigorosos e brilhantes, sedutores jogos de luzes e sombras, e efeitos atraentes. Na busca de motivos, geralmente procuro um objeto ou um grupo de objetos que narrem uma história de uma beleza intrínseca, ou então atividades, ou grupos de pessoas, de um interêsse maior do que momentâneo. Um tal assunto, quando é encontrado, deve conter em si mesmo, suficientes detalhes, quer dizer, alternativas de luz e sombra para torná-lo o mais importante na imagem. Êle pode ser destacado do ambiente ou pode ser rodeado de detalhes menos importantes, sem tonalidade nem textura muito pronunciadas; mas, neste caso, todos os objetos ou o espaço ambiente devem ser de menor importância ou devem contribuir para completar ou salientar o assunto principal.

Uma exigência fundamental que me imponho é que êsse centro de interêsse esteja suficientemente iluminado para que seus detalhes surjam completamente, de maneira que as partes secundárias da imagem fiquem submetidas á iluminação geral, em uma razoável gama de tons, ou serão arranjadas de maneira que cada detalhe discordante possa ser corrigido nas operações subsequentes. Se estas condições não se encontram reunidas, a fotografia não deve ser tomada. Em outras palavras, cada motivo que se fotografar deve trazer, por si próprio, suficiente perfeição pictórica. A não observância desta condição é que, em noventa por cento dos casos, traz decepções na realização de fotografias que se pretendem pictóricas. E assim é que se pode caminhar dias ou semanas inteiras, ou percorrer milhares de quilômetros através de lindas regiões sem se obter um só negativo pictórico e, muitas vezes, num só dia se encontram condições tais que uma série de fotografias "de salão" poderão ser impressas em algumas horas ou apenas alguns minutos.

Quando se encontra um assunto cuja parte principal, qualquer que seja sua distância da máquina, — estiver ilu-

minada convenientemente, a luz que o rodeia é de pouca importância. A exposição deve ser determinada para o assunto principal, e é curioso constatar que desde as horas matinais até quando não se pode mais fotografar, a exposição para o assunto principal, corretamente iluminado, e á razoável distância da câmara, varia muito pouco. Um fotômetro indicará cifras praticamente iguais durante muitas horas e minhas anotações indicam u'a monôtona regularidade de mais ou menos 1/10 de segundo a f:8, com um filtro de fator 2, para película ortocromática. A revelação, não importa praticamente com qual revelador, (de preferência o amidol, pois sou sensível á intoxicação pelo metol), deve ser curta e dar um negativo suave, através do qual se poderá ler um jornal e que, em certas ocasiões, parece um vidro claro que possui, em toda a sua superfície, detalhes completos sem empastamento das luzes.

Posso utilizar métodos mais complicados. Posso fotografar assuntos muito contrastados, fotografar em pleno sol ou na obscuridade da noite, ler a exposição para as luzes e para as sombras e encontrar um termo médio entre ambas, utilizar reveladores especiais e toda uma série de truques na tomada e na ampliação; mas, porque ser surpreendido quando o resultado aparece? Um motivo pictórico, para dar bom resultado, deve estar corretamente iluminado; então, porque não fazer menos negativos e evitar, assim, complicações no trabalho de laboratório?

Minha fotografia que obteve maior sucesso, "Sol de Inverno" e que se reproduz com estes comentários, provém de um negativo absolutamente perfeito do ponto de vista da tomada. Êste negativo não suportaria nenhuma correção de valores e a sorte quiz que não tivesse sequer um minúsculo ponto. A imagem apresenta uma gama completa de tons, desde as luzes mais puras até as sombras opâcas, em virtude do fato de haver, atrás de mim, paredes brancas diretamente iluminadas pelo sol e cuja luz refletida se expandia na zona fotografada, realçando os detalhes mesmo nas sombras aparentemente mais profundas.

Se a fotografia pictórica é limitada aos assuntos corretamente iluminados e que possuem uma razoável gama de tons, e se a composição foi estudada de



"SOL DE INVERNO"

Frank R. Fraprie

maneira que o assunto principal seja bem visível, sem estar perturbado por detalhes sem valor, a ampliação se torna praticamente automática. Acontece, às vezes, que na natureza os objetos supérfluos devem ser incluídos na imagem ou que uma infeliz mancha de luz ou de sombra venha a enfraquecer o efeito da composição. São caprichos da natureza que torcem o sentimento artístico do fotógrafo. São apenas acidentes e não necessidade. Não existe nenhuma razão para atenuá-los ou fazê-los desaparecer por não importa qual processo. Um negativo demasiadamen-

te contrastado ou muito fraco pode ser melhorado por uma redução ou refôrço, local ou total. Um pouco de "sauced" aplicado com precaução sôbre o negativo ou sôbre o positivo pode fazer maravilhas para suavizar as variações de tonalidades, sem que o efeito resulte irreal ou criticável. Não se espere, porém, fazer obra de arte fotográfica de um negativo impossível e não se deve perder tempo em resultados incertos. Procure o assunto; ilumine-o, componha-o e o trabalho de laboratório subsequente resultará curto, agradável e aproveitável.

Os três elementos

Guilherme Malfatti - F. C. B.

No artigo anterior procurei fixar o elemento da Arte baseado na Unidade. Estabelecida esta Unidade para toda a criação de Arte, procuramos agora estabelecer quais os elementos característicos que influem de um modo fundamental na criação de uma obra de arte. A maneira de encarar estes elementos e as suas múltiplas relações tem enchido já uma biblioteca. Já não falo das definições dadas, em geral, de uma maneira bastante pueril.

Para a grande maioria, Arte é a manifestação do Bêlo, tomada como uma interpretação... e não admitem que o que não seja belo possa ser Arte. Há os que exigem na obra a concepção dinâmica; outros, querem outras formas de concepção como o abstrato, o realismo social, o romantismo, o terrorismo, a morte, o surrealismo e porque não: o mimoso, dadaísmo, etc., etc..

Afinal, as "escolas" não passam de uma tendência cultural estendida por um período de tempo; há ainda o fator espaço com sua delimitação regional.

O primeiro elemento — Concepção

Tratando então dos elementos temos que considerar a criação como fazendo base da Unidade e aí damos em Arte a ideia de **Concepção**. Toda Arte deve ser concebida. A concepção é o elemento básico não só da Arte, mas também das invenções e o curioso é que diferença não existe como base em ambos os esforços mentais analisados como processo. A concepção é a chama que ilumina e o ponto de nasença do que existe para se revelar.

No artigo anterior explicamos o longo período caracterizado pela **Arte Contemplativa**, isto é, arte que é arte sem levar quasi em consideração o elemento concepção. Aqui entramos num conflito de diferenciações tênues e subtis e chegamos a perguntar: Há arte na natureza? A natureza copiada é arte? E com toda razão respondendo: sim, a natureza é arte, porque ela foi concebida... Sim, nós também fomos concebidos e o elemento sem dúvida concebeu as formas de cristalização e o elemento vivo das plantas com as flores para atrair as abelhas tanto quanto os olhares dos homens. Olhando para a natureza ninguém o pode negar; mas, então, onde ficou a sua **concepção**? respondemos — já estava na natureza. O importante é que o artista captou a concepção da natureza, mas o artista contemplativo apenas traduz aquilo que já encontrou **bem concebido** e daí depende a sua felicidade e o seu valor. Este fato é de suma importância na Arte Fotográfica, que é a manifestação de arte exercida por todas as classes de um modo geral. Se há uma arte que goza do característico da Universalidade é a da câmara escura — conceber com a luz é o futuro desta arte, e nisto já se esboçam as novas tendências. O amador não só procura a forma concebida como ainda ajuda a dar mais expressão, ao ponto do seu grão de cultura exprimir uma perfeita e destacada individualidade. Este elemento, concepção, não se deve mais confundir com o anterior da pintura contemplativa, porque estamos já numa outra época e temos já outra escola.

Claro que a Pintura, a Escultura, a Poesia, a Música e a Arquitetura po-

dem conceber sem imitar a natureza e o têm feito pelos séculos afóra. Só os tempos modernos têm libertado das suas correntes, algumas destas artes.

Estabelecemos o princípio da Conceção como elemento **nascente** da Arte. É para alguns incomodo pensar que a Arte é Espírito e ainda que ela deva ser concebida. Mas como seria possível interpretá-la no campo puramente materialista quando com o progresso humano vemos por todos os lados a forma concebida: desde o balaio das alfaces até o avião a jacto?

O segundo elemento : espontaneidade

Seria necessário aqui alguns momentos de pausa. Espontaneidade, elemento fundamental? Quanto tempo levamos para construir uma catedral gótica? A nossa mesmo? Muitas tem levado um século! E tiveram concepção? Claro que sim. E tiveram também espontaneidade: — outra pausa!

O Sumo Sacerdote chegou á frente das massas e disse: — “Para glorificar o Espírito Supremo de Deus construiremos um templo grande e digno de sua Gloria, com cinco naves, um frontão pousado em 12 colunas doricadas e estas com seus filintos sôbre uma vasta escadaria”. Ideia espontânea? Sim, porque era necessária para dar impulso á concepção. Notae bem — dar impulso: — uma força que brota com uma força incontrolável. Eis aí a espontaneidade; sem ela a fagulha não se transforma em chama.

Praxiteles foi o primeiro a dar movimento á estatuaria e aí a espontaneidade adquiriu um gráo mais adiantado que nas estáticas figuras dóricas. É difficil dar exemplos dêste elemento no seu estado mais puro. O Sermão da Montanha é um exemplo do qual um dos nossos oradores dizia: “Só quem foi ungido pela Sabedoria Divina poderá pronunciar esta oração; não há nela o mais leve elemento da hipocrisia humana”.

Passando a outro ponto do Oriente teve a China um grande calígrafo e a caligrafia no seu tempo chegou ás alturas de grande arte. O seu trabalho é uma tira pintada na vertical, com caracteres clássicos e o que se nota é o impulso do artista ao escrever o le-treiro, onde o pincel bate e desliza acabando a tinta do toque e sobrando um pouco que acumula no momento de largar. O trabalho dá a impressão de ser executado todo em poucos segundos e chega-se quasi a sentir as pancadas daquele pincel maravilhoso.

Há um gráo de espontaneidade em todas as obras; quando perdem esta qualidade, o trabalho tende a um decorativo ou documentário. Há creações massacradas de um lavor inacreditável, tanto nas artes decorativas como na própria arquitetura. Há sonatas e concertos insuportáveis e dos discursos de certos políticos nem é bom falar. Porque? Porque falta espontaneidade.

Um dos fatores que influem na qualidade é o treinamento consciente ou inconsciente do subconsciente na interpretação artística da Vida; a bagagem das concepções passadas, em estado latente, influe muito nos resultados. Um homem sensível, um sensitivo — enfim, até o Amor, usa muito êste elemento e a Fé o leva até o milagre.

Um artista que tem concepção e sua obra tem uma grande espontaneidade, parece que já é um ente perfeito; para produzir maravilhas nada lhe falta... mas falta ainda uma cousa muito importante; sem dúvida, o fulano tem muito talento...

E aí deixamos o nosso artista olhando para uma ladeira que vae ao cume de uma montanha onde está o jardim sagrado de todos os eternos, o jardim dos gênios da humanidade. Até o alto há um grande casario principiando pe-

los mais modestos ambientes e, subindo, chegamos aos jardins cuidados com arte e com o valor do refinamento. Nestes pontos já há a interpretação de estados de alma e a contemplação eleva o homem acima da vida material... Mas não pára aí; ainda vamos subindo mais e quasi em cima principiamos a perceber outras concepções: as obras dos gênios, onde todos os conhecimentos humanos já ficaram num estado de subordinação.

Aí temos a Arte, com o último elemento: a Cultura.

O terceiro elemento — A Cultura

O terceiro elemento é, pois, a cultura. A cultura é o grão de sabedoria que acompanha a obra de arte. Sem ela o talento não é aproveitado de acôrdo com a responsabilidade que deve ter uma concepção.

A falta dêste elemento já é arrazadora em toda a face da terra; como é feio quasi tudo o que o homem produz; que pretensão pueril de grandeza e vaidade pessoal êle tem, enchendo o mundo de monstros. Si todos os homens estivessem preparados para as suas responsabilidades, muitas questões estéticas (e outras da vida do homem) não representariam outra cousa senão uma escala de valores e nunca uma questão de castas e ideologias.

A cultura é a medida que dá o justo valor ás obras de Arte e, sem ela, um grande talento não passa, muitas vezes, dos motivos mais vulgares. A cultura faz o artista se desprender da vulgaridade e confere á obra produzida um senso de responsabilidade em harmonia com o trabalho. Um portal de pedra lavrada não deve ter os ba-

tentes de táboas lisas; um mercado não deve ter a arquitetura de uma Prefeitura Municipal e um templo deve ter um ambiente de recolhimento e elevação do espírito. A casa do homem deve estar artisticamente adequada ao seu estado de cultura e também de acôrdo com a sua personalidade. Só assim poderemos ter uma elevação de valores e subir um pouco mais a ladeira da montanha.

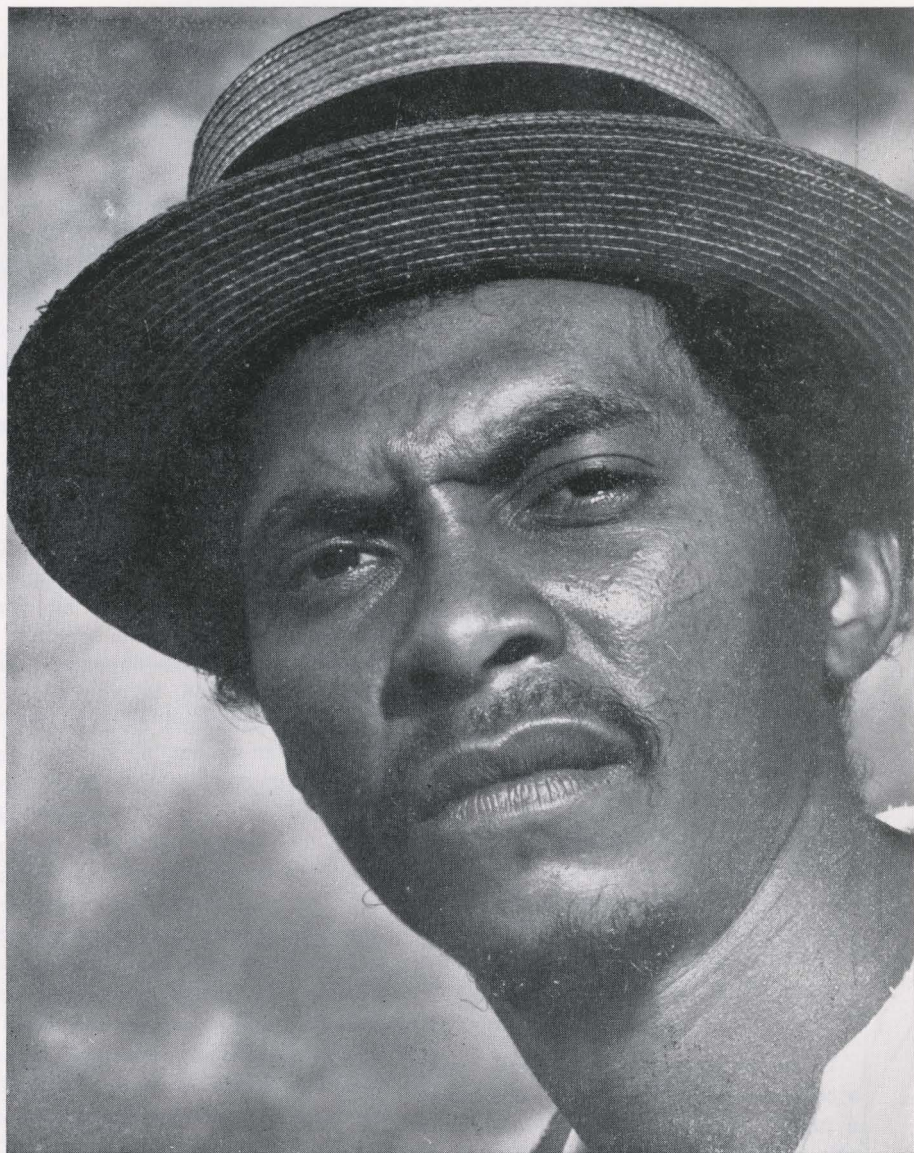
Recapitulando: Concepção, Espontaneidade e Cultura são os elementos da Arte si Arte for produzida. Ela está perfeita: na Natureza, na obra do homem mais humilde ou na obra do gênio. Uma ponte muitas vezes é uma genuína obra de arte e o orgulho de uma época. Afinal o que é a Arte?

Para o pae do teatro da Inglaterra, a arte é uma imagem que reflete a vida; o espelho da vida humana jogado em forma com o talento.

Há definições para todas as artes, umas mais ou menos felizes e outras de uma puerilidade chocante, como a da Arquitetura: "C'est la Nature mis an ordre", como se fosse a agricultura, mineração, etc..

Passando de arte em arte chegamos afinal ao ponto onde consideramos esta maravilhosa propriedade como um dom superior, um princípio fundamental e perpétuo de toda a aspiração humana; não pode ser bem definida nem tem medida nas ciências conhecidas. É assim que a temos que receber, e viver no seu Espírito. A Música é sem dúvida a mais espiritual de todas as artes, usando como elemento apenas o som. E como definir a arte que forma a música? Impossível!

Aperfeiçõe-se na arte fotográfica, ingressando no Foto-cine Clube Bandeirante



"FAZENDEIRO AMAZONENSE"

Alan Fisher - S. F. F.
Niteroi - Brasil

(Do Xº Salão Internacional de S. Paulo)

X.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

**Os resultados da seleção —
Inauguração a 11 de setembro**

Conforme noticiamos no último Boletim, encerraram-se a 31 de julho as inscrições ao Xº Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, promovido pelo Foto-cine Clube Bandeirante, assinalando o seu maior êxito desde quando foi o certame instituído, em 1942.

Com efeito, a participação de quasi um milheiro de concorrentes de 40 países, com um total de 3.166 provas, é algo de extraordinário, raramente alcançado mesmo pelos mais famosos e antigos salões de Arte Fotográfica em todo o mundo.

Desnecessário dizer o quanto isso é desvanecedor para S. Paulo e para o Foto-cine Clube Bandeirante que vêm, assim, confirmada a sua posição entre os mais credenciados centros cultores da fotografia artística no universo.

E se os números o dizem, mais ainda isso será atestado, — não temos a menor dúvida em afirmá-lo — pela alta qualidade do Salão, em virtude da seleção procedida. Foi ela entregue, como noticiámos anteriormente, a elementos de renome internacionalmente firmado no campo da fotografia artística e conhecedores profundos dos problemas estéticos e artísticos em geral e especialmente aplicados á fotografia.

Estamos em condições de afirmar será o Xº Salão uma das mais notáveis

mostras de Arte Fotográfica já realizadas em terras sul-americanas. Como já tivemos ocasião de dizer, ao promover o seu Salão anual tem o F. C. Bandeirante uma única preocupação: a de elevar cada vez mais a fotografia como Arte. Assim sendo, não é escopo do Salão mostrar ou estabelecer paralelos entre o que se faz aqui ou ali, neste ou naquele país, nesta ou naquela agremiação, escolhendo de cada qual um pouco, cousa que, talvez lhes poderia ser mais agradável, mas que não atingiria o fim maior do certame que é apresentar um conjunto de obras fotográficas do mais alto nível possível, como expressão artística. E, embora acatando e respeitando todas as tendências, mas tendo em vista sempre que a fotografia deve se exprimir com a linguagem que lhe é própria e que a Arte não reside apenas na técnica, mas que ésta é apenas um meio para atingir um fim e éste está, principalmente e acima de tudo, na expressão de uma ideia ou das impressões e reações do artista deante do assunto, através de sua interpretação pessoal e própria, com inteligência creadora e imaginativa, fugindo, por consequência, ao lugar comum. São conceitos que vale a pena repetir, pois é ainda muito comum o amador, principalmente os mais novos, imaginar que se pode fazer Arte simplesmente com uma prova bem acabada e apresentada, mas vazia de conteúdo espiritual e sem

maiores cõnhecimentos dos princípios gerais artísticos e estéticos aplicados á Fotografia.

Os resultados da seleção

Ante tão elevado número de trabalhos inscritos, das mais rigorosas teve de ser, necessariamente, a seleção, o que, em última análise, só veio beneficiar a qualidade do Salão e, portanto, aos aficionados e estudiosos.

Por isso mesmo, um possível insucesso, não deverá ser tomado pelo concorrente, como motivo de desânimo, mas como um convite a maiores estu-

dos e um estímulo ao aperfeiçoamento.

Sem dúvida, dos mais difíceis e árduos foi o trabalho dos jurís de seleção. Durante dias e dias consecutivos, reuniram-se os seus componentes, examinando e revendo as provas apresentadas, repassando-as e confrontando-as, procurando apresentar ao público um conjunto demonstrativo das amplas possibilidades da fotografia como meio de expressão artística. Finalmente, apresentaram o resultado final em ambas as secções em que se subdivide o Xº Salão e que, feita depois a identificação pela secretaria, resultou no quadro demonstrativo abaixo:

Secção "branco e preto"	CONCORRENTES		TRABALHOS	
	Inscritos	Admitidos	Inscritos	Admitidos
EXTERIOR	642	176	2.177	256
BRASIL	216	89	641	146
TOTAIS	858	265	2.818	402

Secção "Color"	CONCORRENTES		TRABALHOS	
	Inscritos	Admitidos	Inscritos	Admitidos
EXTERIOR	52	32	203	61
BRASIL	25	21	95	44
TOTAIS	77	53	298	105

A data da inauguração

Ultimam-se agora os preparativos para a apresentação condigna do Xº Salão, na suntuosa Galeria Prestes Maia, estando fixada a data de 11 de setembro próximo, para a sua inauguração. Á solenidade deverão compa-

recer as altas autoridades do Estado, representantes do corpo consular e elementos gradados dos meios artísticos e sociais de S. Paulo. Será, sem dúvida, mais um acontecimento de relevo para a nossa Capital que assim, mais uma vez, faz jús ao cognome de a "Capital Artística do Brasil".



"CARESSE"

Barbara Mors - F. C. B.
S. Paulo, Brasil

"ANEUS MAC TAVISH"

C. A. Yarrington - EE. UU.

- F. C. B.
lo, Brasil



(Do Xº Salão Internacional de S. Paulo)

“La Huida”

Agostinho M. Pereira — F. C. B.

Dentro do programa de intercâmbio que o Foto-cine Clube Bandeirante mantém com as entidades similares do país e do exterior, promoveu êle, entre nós, a exibição do filme “LA HUIDA”, realização do “Cine Universitário do Uruguay”.

A exibição foi acompanhada com um grande interesse pelos aficionados paulistanos, deixando a melhor das impressões o esforço desenvolvido pelo dedicado grupo de cineastas, um exemplo digno de ser imitado, e que revela o quanto pode o espírito de cooperação entre os aficionados de cinema, que, geralmente, e erradamente procuram trabalhar sós, sendo ao mesmo tempo diretor, “camera-man”, etc.

Esta análise (o termo **crítica** está se desmoralizando) do filme “LA HUIDA” será dividida em duas partes: uma, que analisa o filme como realização de um grupo de amadores de cinema; e outra que analisa o filme no sentido geral da obra cinematográfica.

Teremos que estabelecer esta divisão embora não concordemos com ela, e isto só é possível porque o cinema ainda está na sua infância (embora, às vezes, se tenha mostrado uma criança precoce, um “enfant terrible”). Pois devemos aceitar a análise de uma obra em si mesma, sem estabelecermos para ela prerogativas, especiais ou não. Senão vejamos: na crítica da literatura nunca estabelecemos o caráter amador de quem escreve ou produz uma obra literária. Mesmo as correntes paralelas à arte literária (jornalismo, ensaios artísticos ou científicos, divulgação, publicidade, etc.) possuem a sua forma literária e são analisados como tal. O mesmo com a pintura; e com todas as manifestações artísticas. No entanto, no cinema, sempre se quer separar as obras em dois caracteres imediatos: amador ou profissional. E isto é estabelecer uma prerogativa. Porque, em verdade, eu vos digo: Pelos caminhos que segue o

cinema profissional, que custa milhões, está condenado ao fracasso. **E cabe aos cine-amadores, aos que não têm compromisso com o dinheiro alheio, estabelecer, pesquisar, definir os novos caminhos do cinema.**

E todos que cometem a arte fotográfica têm isto presente: A **Arte Fotográfica** é praticada pelos amadores de fotografia — que apenas têm compromisso com ela, fotografia — e não pelos profissionais, que, raros e raramente, a apresentam...

“LA HUIDA” como realização de amadores

Todos os amadores de cinema devem ter sentido, frente a este filme, um sério respeito: Um grupo de jovens se propôs e realizou uma pequena obra de cinema; não mais o album de família, (com as traquinadas do caçulinha, a inesgotável verve do tio Joaquim — “êle é formidável” — nem o ar donjuanesco e julietano do primo e da prima); não mais os descosidos “documentários” de viagem, nem os “arrojados documentários” de esportes — caça, pesca, futebol, corridas de automoveis ou de... patinetes! Neste

ponto temos de lamentar profundamente a derrocada do sentido "documentário" depois da obra profunda de Flaherty, Grierson, Cavalcanti, Joris Yvens, e os cineastas russos de nomes complicados. Nem as historietas porta a dentro, com toda a família trabalhando, "colaborando".

Apenas um punhado de gente, realmente interessada no CINEMA, se juntou e realizou um filme.

E por isso mesmo não resistimos á vontade de estender um pouco mais êste comentário procurando levar a êsse voluntarioso grupo a nossa desprezenciosa contribuição, na certeza que ela será recebida com o espirito que os norteia em sua obra.

Existe atrás de LA HUIDA a consciência do trabalho, a planificação, o sentido da obra comum. Desde uma história (um fragmento de história, diríamos), escolha de atores, filmagem em diversos locais, (interiores e exteriores), o uso de uma câmara apenas para contar uma história — sem os clássicos virtuosismos à-la-figueirôa — tudo, enfim, denota a pesquisa do "ofício cinematográfico". É uma tentativa dentro do melhor cinema. Está ligado diretamente àquele momento em que o cinema se rebelava contra o conformismo, momento que se chama na história de "movimento de avant-garde".

É, por certo, uma peça com fraquezas, ou melhor, possui em si mesma os sinais de crescimento, suas titubeações, um pouquinho de insegurança; ao mesmo tempo que possui força para crescer, que só o que é novo possui.

Certamente êste grupo nos dará outras peças que sejam a afirmação de que os cineastas não estão entre os profissionais (excluindo-se, é claro, aquela dúzia de homens que sofre e sonha, sonha e morre no cinema profissional: Clair, Feyder, Yvens, e mais alguns).

"LA HUIDA" como realização de cinema

Já agora, ressaltado o que antes foi dito, o filme tem seus pecados. Vejamos a obra em todos os seus componentes: História, tratamento do argu-

mento, cenarização, direção, filmagem (câmara), interpretação, cenografia e montagem. É evidente que é difícil em certos casos, analisar uma parte da obra independente de outra parte. Assim, não podemos, sem todo material á mão, estabelecer onde está o erro. Uma mesma falha, no filme, pode ser causada pelo argumento, pela cenarização, e pela direção (embora a montagem deva acusá-la e procurar corrigi-la). Vejamos, porém, por partes:

ARGUMENTO: O argumento em si mesmo não é mau. Até bem típico dos assuntos preferidos dos cineastas amadores, que procuram contar uma história em poucos minutos de filme: O crime (sem razão para o espectador), a fuga pela cidade, perseguição pela polícia (que surge muito mais rapidamente em cena do que é comum) sobre o truck das rodas de um trem — ninguém sabendo como é que os policiais sabiam que êle viajava nesse trem; e a fuga pelos campos (como o fugitivo conseguiu descer do trem na posição incômoda em que estava é outro mistério). Até que os perseguidores perdem o rastro. Encontro da casa com a mocinha, o trabalho como refugio, etc., etc... O desejo de posse da mulher, fugindo ao último momento. O delírio em negativo (sublimação do desejo, com a sociedade acusando; Freud... bem sabeis) e o delírio final com o morto que ressuscita, a morte no abisminho que não dava para matar nem um bebê. Enfim, um argumento razoavelmente bom. Já o

TRATAMENTO DO ARGUMENTO, é que realmente pode ser considerado como o defeito fundamental do filme. Porque quasi todas as histórias são apenas temas de que se serve o cineasta para extrair uma peça cinematográfica. Ela é apenas um "tema para variações". E nas variações é que se sente o pulso do creador cinematográfico, quando êle dá a forma visual ao tema. E êste de LA HUIDA é apenas mediocrementemente desenvolvido. E não me venham dizer que a tomada dos pés quando começam a fuga, o jornal na mesa e todos os preciosismos de principiante dão valor ao filme, pois tudo já tem cerca de 30 anos de idade, ou mais. É então que a clareza da narração é prejudicada. Porque em cinema, como em qualquer atividade

do homem para o homem, só as três clássicas coisas são exigidas: clareza, clareza, clareza.

Ou então, fazemos arte para amigos, com libretos explicatórios na entrada da sessão. Enfim, o tratamento do tema fraquejou.

CENARIZAÇÃO — ou divisão da história em quadros — ou cortes. Pode ser considerada como quasi boa. Havendo, contudo, reparos em alguns quadros, em que se sente a necessidade de outros tamanhos (plano geral para plano médio, etc.), havendo abuso de planos extremos, ou medo de enfrentar os planos médios. Passa-se, assim, de planos gerais a primeiros planos, dentro da mesma ação, sem haver aumento da intensidade dramática, que só nesse caso exigiria o salto brusco. E vice-versa. É contudo de memória que trato o assunto e só com outras exhibições isto poderia ser melhormente aclarado.

DIREÇÃO — Sente-se que o diretor teve mão sôbre os atores, obtendo deles, e principalmente do primeiro ator, expressões e ações condizentes com a necessidade do tema, e muita sobriedade o que é sempre recomendável em cinema — e nos atores latinos, principalmente, que são sempre exuberantes. Para a direção dos atores, damos uma nota boa.

Mas, em compensação aos elogios, o diretor é acusado de também prejudicar o filme. Toda a culpa lhe cabe pela confusão estabelecida na direção geral do movimento, quando um homem em fuga corre para a esquerda e os perseguidores o seguem correndo para a direita. Nesse caso êles se encontrariam se seguissem em linha reta e dessem a volta ao mundo. Êles se encontrariam frente a frente... Inclusive a escolha de alguns lugares que não se prestavam para o desenvolvimento da ação. E á direção ainda cabe as dúvidas de algumas cenas. Por exemplo: quando o primeiro ator e a primeira atriz se encontram no campo e êle é assaltado pelo desejo. Toda a cena preparada; êles se beijam com sensualidade; um deseja o outro. Êles desaparecem do quadro como se tivessem se deitado. Mas não. A câmara, que tinha em quadro o céu, panoramiza verticalmente para baixo

e vemos que os dois estão apenas conversando! Está claro que cenas como esta tem sido resolvidas de um modo sempre igual, tendo o público já estabelecido preconceitos quanto ao resultado. Mas, por isso mesmo, para substituir um preconceito por outro, torna-se necessária uma força de expressão artística bem acentuada. E não foi em LA HUIDA que vimos outra solução para o mesmo problema. Apenas um pequeno susto no expectador. Mesmo o melodramatismo quando o jovem está quasi a salvo e caminha tropeçadamente pela estrada, sua queda ao chão; e quando é assaltado pelo remorso, apanha a garrafa de bebida e a ação subsequente.

CÂMARA - FOTOGRAFIA — Os movimentos de câmara (travellings, panorâmicas, etc.) são bons. E mesmo a fotografia, quanto á limpêsa narrativa de cada quadro, funciona. Pode-se dizer o mesmo quanto á enquadração (composição) que é, na maioria das vezes, agradável. Mas já, por outro lado, o filme é prejudicado pela descontinuidade da luz, contribuindo para estabelecer confusões nos assistentes. Na mesma sequência de quadros as luzes mais desencontradas, com o emprêgo do filtro amarelo, depois o vermelho, depois sem filtro, assim, numa sucessão de quadros escuros e claros resultando num desequilíbrio frequente. Penso mesmo, que neste item, o prejuizo do filme deve ser exclusivamente carregado sôbre o operador. Deve ter se impressionado com algumas nuvens e quiz reforçar o efeito usando, ao sabor da vontade, quasi toda a sua coleção de filtros...

INTERPRETAÇÃO — Como acreditamos que a interpretação sempre depende do diretor — cabendo-lhe a escolha dos atores que correspondam ao tipo exigido, pouco se pode dizer. E o pouco já está atribuido na DIREÇÃO. Em todo o caso, os tipos são bons e não comprometem.

MONTAGEM — Sempre se costuma dizer que "na sala de corte se conserta tudo". O diretor pode filmar o que quiser: o montador resolve o problema. Se assim fosse, êste filme não teria saído da sala de montagem, sem os sérios reparos que foram apontados. Talvez o montador não possa ser inculcado de alguns erros que foram come-

tidos antes do material lhe chegar ás mãos. Talvez os enganos tenham sido seus. Mas se houvesse consciência disso, esta pequena história não teria sido lançada aos "tubarões critiqueiros".

Os cortes estão geralmente bem ajustadas, havendo um bom sentido de tempo: sentido de duração, eis o sentido que poucos possuem. Ou as cenas são longas demais, ou são curtas, é o mais comum. E quando o diretor não tem esta sensibilidade, cabe ao montador procurar consertá-la na montagem do filme, para obter o ritmo, a cadência da sucessão de planos, da duração dos planos, já que ritmo é tempo transcorrendo.

Mas se foi o diretor que fez a montagem, então não há salvação: sempre os diretores fecharão os olhos, ou mesmo não verão a falta de beleza de

algumas cenas que lhe são queridas e que custaram tanto a ser realizadas, fazendo como a coruja que sempre acha os filhos lindos; sempre terá pena de podar o seu filme, que lhe custou tanto trabalho, tanto empenho, tanta dedicação...

E aqui damos por terminados os nossos comentários, nos quais procuramos, com espírito construtivo, apontar as qualidades e os defeitos que encontramos nesta primeira realização que nos foi dado assistir, do futuroso grupo ao qual desejamos que continue na rota traçada, na certeza de que breve nos darão, mais aperfeiçoadas, outras produções com a honestidade e seriedade de propósitos de LA HUIDA.

Oxalá os nossos Clubes de Cinema lhes sigam o exemplo.



**KOSMOS
FOTO**
ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS

RUA SÃO BENTO 288,
TEL.: 2-5882
SÃO PAULO

MAR
CUS

O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

Principiam a chegar os resultados das participações do F. C. Bandeirante aos principais salões internacionais que se realizam no mundo, neste ano de 1951, e com eles a notícia de novos e lisongeiros êxitos para a fotografia brasileira que, assim, confirma a posição de destaque conquistada nos últimos anos. Damos, a seguir, para conhecimento dos interessados, os resultados dos seguintes salões:

Xº Salão de Barcelona - Espanha - 1951

Das mais notáveis foi a participação brasileira que, com 51 trabalhos, **colocou-se em 1.º lugar** dentre as nações expositoras, exceção feita, naturalmente, da Espanha. Para êsse expressivo resultado concorreram a Soc. Fluminense de Fotografia, com 18 trabalhos de 11 autores, o Foto Clube Brasileiro com 3 trabalhos de 1 autor (José Oiticica Fº.) e o **F. C. Bandeirante com 30 trabalhos de 27 autores**, a saber: J. Agostineli, com "Fôrça centrífuga"; F. Albuquerque, com "Estudo"; C. Comeli, com "Esfôrço"; A. M. Castro, com "Enseada de S. Francisco"; A. M. Florence, com "Labor Finis"; R. Francesconi, com "Recolhendo a rede"; G. Gasparian, com "Fantasia" e "Laranjas"; K. Kawahara, com "Compasso"; N. Kojranski, com "Transpondo quadrados"; G. Lorca, com "Le Diable au corps"; E. Machado, com "Palmeiras de Paquetá"; P. S. Mendes, com "Crepuscular"; M. Morales Fº., com "Bisbilhotice"; M. Mors, com "Acesso ao lago"; A. F. Nuti, com "Comêço de outono"; M. Otsuka, com "De manhã na praia"; F. Palmerio, com "Prenuncios de tempestade"; J. Polacow, com "Estudo com janela" e "Homens do mar"; A. Rocha, com "Potes"; N. S. Rodrigues, com "Tormenta"; E. Salvatore, com "Inspiração" e "Prece"; S. Trevelin, com "Tarde"; A. Trovato, com "Estudo de nú"; L. Vaccari, com "Irmãs"; A. S. Victor, com "Trabalho"; e R. Yoshida, com "Caboclo velho".

Avulta ainda a representação brasileira por haver conquistado a 1.ª e segunda colocação na classificação por clubes, respectivamente conferidas á Soc. Fluminense de Fotografia e ao Foto-cine Clube Bandeirante.

4.º Salão de Dinamarca - 1951

Também aqui, das mais expressivas foi a colocação do Brasil, em segundo lugar, com

26 trabalhos admitidos, e imediatamente depois dos Est. Unidos.

Para a representação brasileira o F. C. Bandeirante concorreu com 16 trabalhos, a saber: "Promenade" de M. Fiori; "Perspectiva" de G. Gasparian; "Melancolia" de C. F. Latorre; "Buena dicha" de M. Moreira; "Labor" de E. Salvatore; "Meditação" de M. Morales Fº.; "Neblina" de A. Souza Lima; "Litoral santista" de T. J. Farkas; "Paralelas e diagonais" de J. V. E. Yalenti; "Comêço do dia" de A. F. Nuti; "Fuga" e "Nórdico" de F. Albuquerque; "Raios solares" de F. Palmerio; "Invasão de limites" de N. S. Rodrigues; "A espera" de J. Agostineli e "Madame Caldeira" de J. Polacow.

Os demais trabalhos pertencem aos amadores José Oiticica Fº., Mauricio Ruth de Almeida e Gelson Sá Rego, do Rio de Janeiro, Jaime F. Luna, de Niteroi e Sioma Breithman, do Rio Grande do Sul.

Além dos salões acima, figuraram associados bandeirantes mais aos seguintes certames:

14.º Salão de Portugal

Mario Fiori, com "Arquitetura"; Arnaldo M. Florence, com "Lavadeiras"; Nelson Kojranski, com "Melancolia marítima"; Aldo Souza Lima, com "Cobres"; Luís Vaccari, com "Copos de leite"; José V. E. Yalenti, com "Névoa no bosque" e Roberto Yoshida, com "Alegria".

15.º Salão de Johannesburg, Africa do Sul

Thomaz J. Farkas com "Pescadores"; Gaspar Gasparian com "Visão Paulista" e "Sulcos"; Barbara Mors com "S. Paulo madrugada" e José Oiticica Fº. com "O quiosque".

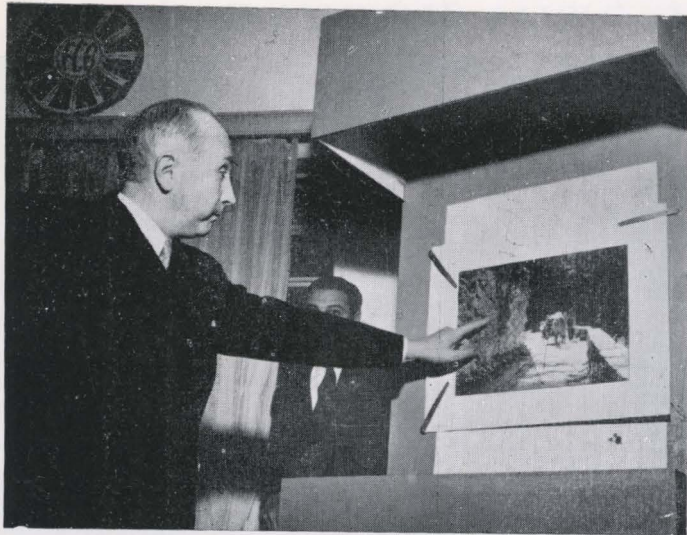
16.º Salão de Madrid - Espanha

Francisco Albuquerque com "Retrato"; Cesar Anderaos com "Cerrado"; G. Calliera com "Panoramá santista"; Kazuo Kawahara com "Mãos"; Manoel Morales Fº. com "Ondas" e Angelo F. Nuti com "Praia Grande".



"FUGA DA TCHECOSLOVAQUIA"

M. Van de Weyer



Apresentando seus trabalhos, o Dr. Van de Wyer fez ligeiros comentários sobre cada um deles, demonstrando assim, mais uma vez, seus largos conhecimentos sobre Arte Fotográfica. Foi mais uma proveitosa e interessante sessão que o F. C. B. proporcionou aos seus associados. A exposição Van de Wyer permanecerá aberta durante todo o próximo mês.

A Exposição Van de Wyer

Aldo A. de Souza Lima — FCCB.

Já há dias os salões de nosso Clube abrigam, prazerosamente, a mostra individual de Maurice Van de Wyer. É mais uma das múltiplas demonstrações de aprêço que temos merecido desta figura simpática que, vindo de longe, soube compreender, sentir e louvar toda a obra creativa de nossa entidade, procurando com ela identificar-se. Van de Wyer, por estas mesmas razões, pouco a pouco se insinua em nosso âmbito e sua presença em qualquer realização já se considera indispensável. Mas, deixemos o homem e falemos de sua obra.

A primeira característica a considerar será o ecletismo. A exposição de Van de Wyer é essencialmente eclética. O autor abordou os mais variados

setores de nossa arte: o retrato, a paisagem, cenas de gênero, composições, etc.. Daí concluímos, evidentemente, o espírito de pesquisa que vem presidindo seu trabalho. Tal espírito, no caso, em se considerando a época de seu início, coloca Van de Wyer entre os precursores das atuais tendências fotográficas. Pesquisa incipiente, é bem verdade, ainda dominada pelos rígidos cânones escolásticos mas, por vezes, suficientemente forte para se evidenciar. É o caso do trabalho "High and Dry" em que a cena de gênero pelo ângulo arrojado, pelos contrastes tonais, o tema e o aspecto dominante das linhas, perde suas características vindo a constituir um típico trabalho de forma e desenho.

Nos "portraits" notamos a procura de conteúdo, o que demonstra um acurado espírito artístico e um absoluto conhecimento do campo fotográfico. Iluminações delicadas, equilíbrio e interpretação são os determinantes dos trabalhos deste gênero. "French Cancan" demonstra com exatidão o estilo do autor. Apesar do formalismo da atitude, da ausência de movimento e da simplicidade do jôgo de luzes, aquele rosto tem a graça e a deliciosa malícia das garotas do "can-can". O conteúdo impéra sôbre a forma permitindo que o trabalho vença escolas e épocas.

Na paisagem, possivelmente, encontramos os pontos mais altos. "Dois Velhos Companheiros" é um trabalho de excelência. A perfeita planificação, a primorosa composição e o rendimento técnico fazem, do quadro, uma verdadeira jóia paisagística. O tema escolhido, ainda uma vez, põe em evidência a sutil sensibilidade do autor. Sob este aspecto, todavia, "Fuga da Tchecoslováquia" alcança o ponto mais elevado. A linha de perspectiva em

profundidade, as figuras e suas atitudes e a misteriosa bruma que envolve todo o ambiente, nos dão um quadro da mais requintada essência romanesca.

A escassez de espaço não me permite maiores comentários. Van de Wyer nos deu uma encantadora exposição. A coleção apresentada oscila entre dois níveis quasi coincidentes e bastante elevados. Este o maior valor, o melhor elogio, que podemos conferir ao autor e do qual se infere a elevação de seu senso de auto-crítica. Sua exposição não tem altos e baixos. É equilibrada, é consciente. Sim, ésta é a questão. Van de Wyer é consciente consigo mesmo. Sabe o que quer e como quer. Sua arte é sóbria, é ponderada, é estilística. Saber julgar o próprio trabalho, separando o jôio do trigo, é um grande dom — uma prova de elevação e de cultura artística. Sob este aspecto rendemos homenagens a Van de Wyer enquanto aguardamos uma futura mostra com motivos, tipos e cenas brasileiras.

Uma boa notícia

Como se sabe éra proibido aos amadores transportarem e usarem aparelhos fotográficos ou cinematográficos a bordo dos aviões de carreira, a não ser mediante prévia licença especial do Ministério da Aeronáutica. Éra essa medida constante do Código Brasileiro do Ar, fonte de continuos aborrecimentos para os amadores, nem sempre ao par das exigências legais. E se poderia ter razão de ser durante o período de guerra, sua manutenção não mais se justificava, tanto mais que é sabido terem os aviões comerciais trajéto afastado das rotas estratégicas.

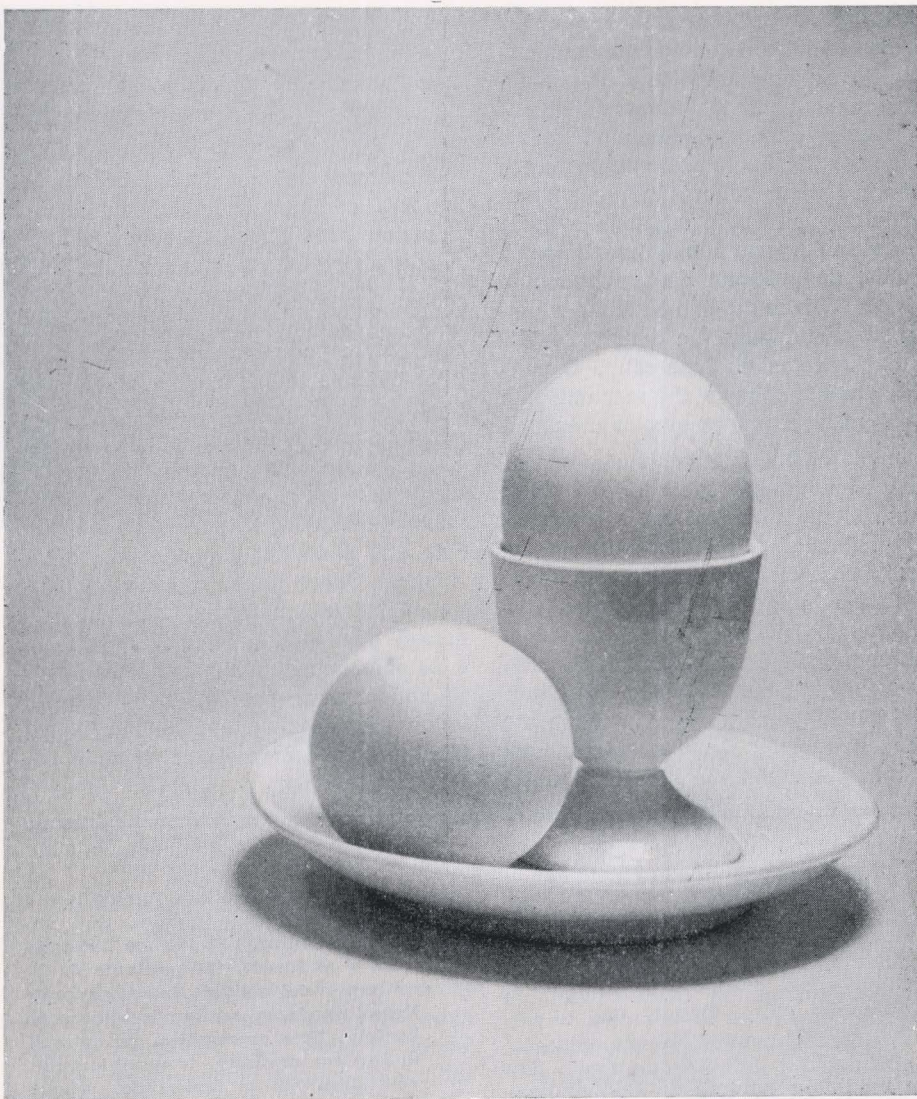
Folgamos, portanto, em registrar que essa proibição vem de ser levantada pela Lei n.º 1396, sancionada a 19 de julho último pelo Sr. Presidente da República e cuja redação, na parte que nos interessa, é a seguinte:

"Art. 49 —

§ 1.º — Os aparelhos fotográficos e cinematográficos de amador, para vistas panorâmicas, poderão ser transportados e utilizados, independente de licença especial, a bordo de aeronaves de linhas regulares, realizando viagens de horário. Esta prerogativa, no entanto, poderá ser suspensa, temporariamente, pelo Ministério da Aeronáutica, sempre que o interêsse da segurança nacional o exigir.

§ 2.º — Nos demais casos, além do previsto no parágrafo anterior, o transporte e o uso de aparelhos fotográficos e cinematográficos de amador em aeronaves particulares dependerá de prévia licença do Ministério da Aeronáutica.

Estão, pois, de parabens os amadores, os quais, dóravante, poderão colher em suas viagens aéreas, as lindas vistas panorâmicas ou os flagrantes das belas e caprichosas formações de núvens que tanto nos encantam.



"ESTUDO"

Ricardo Berger - F. C. B.
R. G. do Sul, Brasil

(Do Xº Salão Internacional de S. Paulo)

Como fabricar cuvetas para revelação com "Perspex" (*)

Trad. por M. Sugaya

J. S. Eckersley

Nos dias atuais, em que os preços das cousas estão acima do custo normal, o amador médio de fotografia é obrigado a pensar duas vezes consecutivas, antes de adquirir um jogo de cuvetas (banheiras) de 8x10 polegadas ou maiores. Não será, portanto, desinteressante conhecer como elas poderão ser feitas de maneira bem simples e com reduzida despesa.

Há pouco tempo atrás adquiri uma certa quantidade de "perspex" — material plástico transparente) —, de segunda mão, extraída das velhas janelas de avião, com a espessura de $\frac{1}{8}$ de polegada e puz-me a moldar algumas banheiras.

Como não estava seguro do resultado, decidi-me a limitar as dimensões das cuvetas em 10x8 polegadas, mas vejo agora que não havia razão alguma, á parte alguns detalhes de construção, que me impedisse de construir banheiras ainda maiores.

Como o molde é apenas um meio para obter uma finalidade, não me proponho a descrevê-lo muito minuciosamente. Poder-se-á observar pelo esquema, que o molde é feito em duas partes: o molde propriamente dito — (fig. 1) — e a matriz (macho) que encaixa no molde (fig. 2). As laterais do molde são feitas com peças de madeira de $1\frac{1}{2}$ polegadas de espessura, com as faces internas arredondadas, de maneira a não haver ângulos ou cantos vivos entre as laterais e a base.

Abre-se, na base, dois sulcos nos quais os cantos devem ser também arredondados; medem $7x\frac{3}{4}x\frac{1}{4}$ de polegadas e ficam separados, entre si, 6 polegadas.

O molde deve ser feito em primeiro lugar, para poder ajustar, em seguida, a matriz, de acôrdo com o perfil interno do molde. Após a matriz encaixar perfeitamente no molde, deve-se aplaina-lo em toda a extensão do perfil, tirando a espessura de $\frac{1}{8}$ de polegada que é a folga necessária para o material plástico. Entretanto, a espessura deve ser a mesma do molde, isto é, de $1\frac{1}{2}$ polegadas.

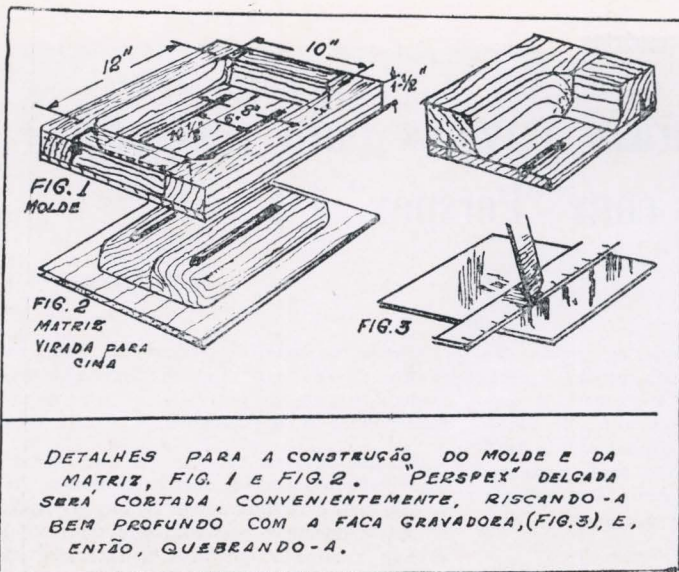
Fixa-se a matriz pela sua parte superior a uma prancha de madeira bem simétrica, para deixar as margens com todo o perímetro da matriz. Duas tiras de madeira ($6\frac{3}{4}x\frac{1}{2}x\frac{1}{8}$) são coladas e parafusadas á matriz nos locais correspondentes exatamente ás ranhuras feitas no fundo do molde. Estas, posteriormente, servirão de base de assento para a cuba manufaturada.

Todas as faces, tanto as do molde como as da matriz, que entrarão em contacto com o material plástico quente, devem sofrer o lixamento com papel de lixa, o que evita consideravelmente o posterior polimento da cuba.

Para as cubas de 10x8 polegadas descritas, é necessário, pelo menos, uma folha de "perspex" de 15x13 polegadas. Esta é colocada num forno de pão a 108° centígrados,

(*) — Nota do tradutor: "Perspex" é uma resina acrílica, um dos novos materiais sintéticos mais interessantes e versáteis produzidos pela indústria química britânica. Desde a sua descoberta pelos químicos da I. C. I., em 1932, esse plástico cristalino tem sido usado num grande número de aplicações úteis, dentre as quais se destacam: seções transparentes para aviões, acessórios elétricos e chapas onduladas para telhados. O "perspex" provem da acetona e, num dos processos de sua fabricação entra o melaço, um subproduto da indústria açucareira. O primeiro passo na produção de "perspex" consiste na obtenção de um líquido incolôr

como a água, denominado metilmetacrilato. A seguir esse líquido é submetido á polimerização, isto é, suas moléculas se unem, como os elos de uma corrente, formando longas cadeias. Como resultado dessa operação, obtem-se o polimetacrilato de metila, vendido sob o nome comercial de "perspex". O peso do "perspex" corresponde á metade do peso do vidro e, não obstante, esse plástico é extraordinariamente resistente. Aplicado durante a guerra nas partes transparentes dos aviões ingleses, atualmente o seu uso abrange um campo variado de aplicações úteis, cujas possibilidades se ampliam cada vez mais.



sobre diversas folhas secas de jornal, e aquecida durante 5 a 8 minutos, ou mais tempo si necessário. No fim deste tempo a folha torna-se realmente flexível e mole e, então, a lâmina é imediatamente colocada sobre o molde e estampada com a matriz.

Ainda que esta operação possa executar-se manualmente, melhores resultados serão obtidos empregando-se algum meio mecânico, tais como a prensa para encadernação. A pressão sobre a matriz não deve ser aliviada enquanto o material não esfriar, isto é, até que fique novamente duro. Logo que o material esfriar, retire a matriz, mas não é aconselhável iniciar a rebarbação antes que ele tenha esfriado completamente.

A rebarbação é feita cortando os bordos com faca de marceneiro, da maneira como mostra a figura 3 e, lixando-se com uma lixa, deixando $\frac{1}{2}$ polegada de largura em toda volta. Os três cantos serão arredondados deixando também $\frac{1}{2}$ polegada de largura, enquanto que o quarto canto é somente limado na ponta para, mais tarde, ser então empregado como bico de derrame.

Para fazer este bico, o canto é amolecido localmente, submergindo-o num banho de água em ebulição e, então, moldado com os dedos sob a proteção de um par de luvas velhas. O bico é moldado na forma que se queira e em seguida mergulhado sob a torneira de água fria. É, então, retocado com a lima para dar um melhor acabamento.

Para o polimento da cuba esfregue-se com

pó de esmeril fino, até que as arranhaduras e riscos se tornem invisíveis.

Creio que há dois abrasivos na praça, especialmente fabricados para "perspex" e qualquer revendedor em plásticos poderá fornecer detalhes dos mesmos. Entretanto, pode-se obter excelentes resultados empregando, com todo o cuidado, pano fino humido, pó e pasta para a limpêsa, na ordem enumerada. O emprego destes abrasivos restringir-se-ão para o lixamento a grosso modo.

Finalmente, deve ser dada uma fricção á cuba inteira, com o metal polidor (seria ótimo caso pudesse empregar o rebôlo elétrico de camurça) mas deve-se tomar cuidado para não queimar o plástico com o uso de altas velocidades de rotação.

Caso diversas cubas forem empregadas para mais soluções, tais como para revelação e hypo, etc., é sempre prático marca-las de maneira que se possa facilmente distingui-las na câmara escura.

Para isso as letras serão marcadas sobre a face externa das cubas para que possam ser lidas facilmente, através da transparência. Para tanto, a face será cortada com uma goiva afiada e as ranhuras encheidas com a celulose de cor, procedente de algum abajour. Não é aconselhável o uso de qualquer esmalte comum, pois o mesmo é muito fácil de ser atacado pelas drogas. Outros artigos, com pedaços do mesmo material. Estes fofos (pegadores, colheres, etc.), poderão ser feitos ram cortados em peças chatas e depois curvados após aquecimento local sobre uma chama de gás.

Em conclusão: algumas observações sobre o corte do "perspex" são muito úteis: após a tentativa de diversos métodos, com vários graus de sucesso, encontrei como melhor o que indiquei acima e que proporciona limpeza, bordos retos, sem o risco de quebras. A folha de "perspex" corta-se com a faca, até o mínimo de meia espessura, extensiva até as extremidades e, em seguida, parte-se com facilidade.

(Do X.º Salão Internacional de S. Paulo)

"SPECULATIVE"

**Trond Hedstrom
Finlandia**



Atividades Fotográficas no País

Foto Clube do Espírito Santo

Durante as comemorações do quarto centenário de Vitória, será realizado, naquela Capital, o 4.º Salão Capixaba de Arte Fotográfica, patrocinado pelo Foto Clube do Espírito Santo. Inscreveram-se ao certame, 120 concorrentes, num total de 342 trabalhos, dos quais 128 foram aceitos. Para integrar a Comissão Julgadora, foram convidados os srs. Nogueira Borges e Eduardo Salvatore, respectivamente, presidente perpétuo do Foto Clube Brasileiro e presidente do Foto-cine Clube Bandeirante que, cercados de cativantes manifestações de simpatia, estiveram em Vitória, durante quasi uma semana.

Foto-cine Clube de Campinas

Sob a presidência do sr. Plácido Soave, realizou essa Entidade, a 28 de julho, findo, a Assembléia Geral Ordinária, para a eleição de sua nova diretoria. A apuração revelou

o seguinte resultado: presidente - Alexandre Messias; vice-presidente - Antonio Mendes Leite; secretário - José Nania; tesoureiro - Helio Armani; diretor fotográfico - Kazys Vosilius; diretor cinematográfico, José Porto Martins; diretor social - Ludovico Lucas e vogal - Ernesto Bruno. Lembramos, a propósito, que quando o sr. Kazys Vosilius transferiu a sua residência para Campinas, vaticinámos destas mesmas colunas, o seu aproveitamento num cargo executivo do F. C. C.. É, pois, com intenso júbilo que registramos hoje a sua eleição para o cargo de diretor fotográfico dessa Entidade, certos do seu pleno desempenho em tão honroso mandato.

O Foto-cine Clube de Campinas fará realizar, em dezembro próximo o II Salão de Arte Fotográfica. Lembramos aos aficionados que o recebimento dos trabalhos encerrar-se-á a 10 de novembro, com o máximo de quatro por concorrente. As inscrições deve-



Os Drs. Nogueira Borges, Presidente Perpétuo do F. C. Brasileiro e E. Salvatore, Presidente do F. C. C. Bandeirante, integraram o júri do IV Salão Capixaba e tiveram por parte dos companheiros do F. C. do Espírito Santo a mais cativante e cordial acolhida. O flagrante acima fixa o momento em que foram recebidos, no aeroporto de Vitória, pelos dirigentes da prestigiosa entidade espírito-santense, vendo-se, da esquerda para a direita, na frente, as Sras. Salvatore e Nogueira Borges e, atrás, os Srs. Dr. Almeida Rebouças, Presidente do F. C. do Espírito Santo, Francisco Quintas Jr., Eduardo Salvatore, J. Nogueira Borges, José do Patrocínio, Érico Hauschild e Isauro Rodrigues.

rão ser feitas pessoalmente ou por correspondência, com a Secretaria do F. C. C., á rua dr. Bernardino de Campos, 1079, caixa postal, 661.

Foto Club Blumenau

Fará essa Entidade realizar o 1.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de Blumenau, em novembro próximo e, nesse sentido, não estão sendo poupados os melhores esforços para garantir o mais amplo êxito do certame. Os trabalhos inscritos, deverão ser no tamanho aproximado de 18x24 cms, sendo que o prazo de inscrição terminará a 15 de outubro. A correspondência deverá ser dirigida á caixa postal 248, Blumenau - Santa Catarina.

Exposição Fotográfica em Tatuí

Durante a "Semana Paulo Setubal", que se iniciou a 5 do corrente, o prof. Paulo Pires da Silva organizou a 1a. Exposição Fotográfica de Tatuí, contando para isso com a colaboração do Foto-cine Clube Bandeirante. O êxito do certame é digno de registro e tal foi o interesse despertado que somos levados a crer que dentro em breve os ta-

tuienses tenham fundado o seu Foto-Clube, a exemplo do que vem ocorrendo nas demais cidades do nosso interior.

Foto-cine Clube Gaúcho

Acaba de ser fundado, em Pôrto Alegre, o Foto-cine Clube Gaúcho, o que constitue motivo de júbilo para todos os aficionados da Fotografia e Cinematografia do País. Sabíamos que a Arte Fotográfica vinha sendo cultivada na capital sulina, em nível bastante elevado e há muito tempo. Daí a nossa estranheza que os seus cultores ainda não tivessem se agrupado numa Entidade a que estaria, sem dúvida, reservado lugar de projeção no cenário fotográfico nacional. Estampando a notícia da fundação do Foto-cine Clube Gaúcho, podemos ao mesmo tempo confirmar a nossa assertiva, pois logo no início do seu funcionamento já fez realizar, num dos pontos de maior acesso em Pôrto Alegre, concorridíssima exposição de Arte Fotográfica, com a participação dos associados do F. C. Bandeirante e dos Clubes do Rio de Janeiro. A imprensa daquela Capital, deu-nos conta do êxito do certame, tendo se ocupado do mesmo, durante dias seguidos, apresentando reproduções de trabalhos expostos, críticas e comentários altamente li-songeiros.

Concursos Internos

Conforme é do conhecimento dos associados do F. C. B., e tendo em vista a organização e realização do Xº Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, durante o corrente mês de agosto e o próximo mês de setembro não serão realizados os habituais concursos internos mensais.

Assim é que terão êles reinício em outubro, cujo concurso versará sobre o tema: ARQUITETURA (prédios e monumentos; detalhes, ângulos, etc., etc.) e que dará margem aos aficionados enfrentarem múltiplos e interessantes problemas técnicos e artísticos, na pesquisa de fotografias quer quanto á tomada de vista quer quanto á composição,

utilização de linhas e massas, rendimento da matéria, etc., etc.. Enfim, um vasto e atraente campo a explorar.

Para os próximos meses, os concursos obedecerão aos seguintes temas:

Novembro: tema livre

Dezembro: Simplicidade.

As inscrições, como de costume, serão encerradas no dia 20 de cada mês, devendo os trabalhos obedecer ás condições regulamentares e serem entregues ao diretor encarregado, já **montados**, exceção feita para os concorrentes de fóra da Capital.

★ Propor novos sócios é o dever de todo bom sócio ★

CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1952

Pelo Diretor de Intercâmbio foi organizado o calendário abaixo dos salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1952, e aos quais o F. C. Bandeirante deverá se fazer representar. Os consócios que desejarem participar das remessas coletivas deverão entregar os seus trabalhos ao Diretor de Intercâmbio, até as datas limite respectivas, constantes do quadro abaixo.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entida-

des congêneres que mantêm intercâmbio com o F.C.B. e que se realizam anualmente, o que não impedirá de, a relação serem acrescentados, posteriormente, outros certames ou salões promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o Clube.

Assim também, está o Clube á disposição das demais entidades congêneres nacionais que desejarem se utilizar de suas remessas coletivas para enviar trabalhos dos respectivos associados.

N.º do Salão	Denominação — Local — País	Circuito	Data de entrega no Clube
4.º	ADELAIDE - Austrália	— — — —	10 outubro
14.º	SPRINGFIELD - EE. UU.	— — — —	15 outubro
15.º	PORTUGAL -	— — — —	31 outubro
15.º	SOUTH AFRICAN - Johannesburg, Af. do Sul	Durban, etc.	5 novembro
10.º	ALBERT I - CHARLEROI, Bélgica		30 novembro
19.º	WILMINGTON - EE. UU.		5 dezembro
21.º	FILADELFIA - EE. UU.		10 dezembro
16.º	BOSTON - EE. UU.		15 dezembro
6.º	MENDOZA - Argentina		30 dezembro
11.º	BARCELONA - Espanha - (Agr. Fot. Cataluna)	Panticosa, Madrid	10 janeiro
4.º	WASHINGTON - EE. UU.		20 janeiro
	C. S. - Inglaterra (Combined Society)	Lincoln, etc.	10 fevereiro
10.º	BIENNAL - TURIM - Itália		15 fevereiro
5.º	S. SEBASTIAN - Espanha	Zaragoza	1 março
5.º	MYSORE - BANGALORE, Índia		15 março
6.º	LUXEMBURGO -		5 abril
5.º	DINAMARCA		10 abril

OPORTUNIDADES

Esta secção acha-se à disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anuncios cobrados à razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube e assinantes do Foto-cine, a inserção de um pequeno anuncio mensal será gratuita.

ARTIGOS fotogrâficos e cinematográficos, acessórios em geral para amadores e profissionais, temos sempre em estóque. Visitenos sem compromisso. SIMON KESSEL, Rua Cons. Crispiniano, 404 - 2.º and. - s/211.

VENDE-SE uma máquina "POLAROID LAND", Mod. 15 em perfeito estado de conservação, com mala de couro, com 10 pacotes de filmes, pelo preço de Cr.\$ 5.500,00. Tratar com José Donati, Rua 3 de Dezembro, 38 - 5.ª sobreloja, dentro do horário comercial.

ACESSÓRIOS em geral para fotografia pelos melhores preços. Esmaltadeiras 50x60, tipo plana, toda de ferro "Fontamac", esmaltadeiras 30x40, 45x60, curvas, refletores, roletes, placas cromadas, marfinites, intermediários para filme rígido, etc.. Não aceite imitações. FONTAMAC, Rua Francisca Miquelina, 190 - Fone: 33-5628.

PROCURO comprar câmara reflex 9x12 com ou sem ótica, usada, por preço módico. Cartas com detalhes para Acylio Accacio Pereira Pires, Caixa 20, GASPARGAR, Sta. Catarina.

VENDE-SE uma ROLLEIFLEX automática com Tessar 1:3,5, sincronizada posteriormente, acompanhada de solenoide e visor esportivo externo. Preço Cr.\$ 6.500,00. Tratar com Nelson, na Secretaria do Clube.

Segurança Industrial

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

FUNDADA EM 1919

CAPITAL REALIZADO : — Cr. \$ 4.000.000,00

SEGUROS :— Incêndio, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Ferroviários, Rodoviários, Marítimos, Aeronáuticos, Automóveis, Roubo e Responsabilidade Civil.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31/12/50 — Cr.\$ 45.371.304,40
Sinistros pagos até 31/12/50 — Cr.\$ 318.129.682,30

PRESIDENTE

ANTONIO PRADO JUNIOR

MATRIZ : Avenida Rio Branco, 137 — (Edifício Guinle)
End. Telegr. : "SECURITAS" — RIO DE JANEIRO

SUCURSAL EM SÃO PAULO : Rua Boa Vista, 245 - 5.º andar
Prédio Pirapitinguí — Telefones :— 32-3161 a 32-3165

J. J. ROOS — GERENTE - GERAL

A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS

BONS CLICHÊS

PARA OBTER



FORTUNA & CIA L^{DA}

RUA JOÃO ADOLFO, 93 - FONE 32-3492
SÃO PAULO

Saiba escolher
o seu filme



para melhores fotografias

O filme preferido para fotos de exteriores. De rapidez muito elevada, assegura boas fotos até com pouca luz.



SUPERCHROM
30°



PANCHROMOSA
32°



MICROGRAN
PANCHRO 27°

O filme ultra-rápido para instantâneos à noite ou à luz artificial. É o filme para amadores adiantados.

O filme de máxima fidelidade para instantâneos e ampliações perfeitas. Não apresenta granulação mesmo em grandes ampliações.

À venda nas melhores casas do ramo.